

# Para Greenspan entrada de recursos no País depende de um acordo rápido

por Getulio Bittencourt  
de Washington

Quanto mais rápido o Brasil concluir a renegociação da sua dívida com os bancos comerciais, maior será a reversão do fluxo de capitais atual: o Brasil deverá receber então mais recursos externos como investimento do que consegue agora.

A opinião é do presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA), Allan Greenspan, e foi apresentada ontem pela manhã ao presidente do Banco Central do Brasil, Ibrahim Eris, durante uma conversa de cinquenta minutos.

Greenspan disse mais. A reversão no fluxo de capitais em direção ao Brasil terá um efeito imediato, importante, sobre o nível da taxa de juros interna, permitindo a sua redução, uma queda no custo do dinheiro e portanto um segundo impulso nos investimentos. "É a segunda vez que converso com Greenspan", diria Eris na saída, "e eu sempre me surpreendo com o nível de detalhes que ele conhece sobre a economia brasileira".

Tanto Greenspan como o controlador da moeda interno, John Hertz, com quem encontrou-se antes, concordaram com a premissa central dos negociadores brasileiros, de acordo com o relato de Eris. Ela parte do fato de que 90% da dívida externa brasileira sendo estatal, então os números de finanças públicas ganham precedência sobre os do balanço de pagamentos.

"Daí segue-se o conceito de capacidade de pagamento, baseado no estado corrente das finanças públicas", diz o presidente do BC. "E esse conceito todo mundo está aceitando. Uma vez aceito isso, o restante fica mais fácil".

## REPRESENTANTE

Greenspan conhecia os detalhes da proposta brasileira, porque havia um representante do FED nos encontros do embaixador João Dauster e do secretário Antônio Kandir com o comitê assessor de bancos. O mesmo acontece com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, com quem Eris encontrou-se no final da tarde.

Mas a ambos o presidente do BC apresentou um trabalho macroeconômico mais detalhado, que mostra como o governo Collor de Mello chegou à noção de "capacidade de pagamento". Isso é muito mais minucioso do que o trabalho apresentado aos bancos, "que corresponde apenas à última linha do estudo macroeconômico".

Eris considera que nem Camdessus nem Greens-



Alan Greenspan

pan poderiam avaliar o conceito "baseados apenas na última linha de um estudo macroeconômico", que é o que foi apresentado ao comitê assessor de bancos. E ele considera seus contatos nessa viagem importantes para esclarecer a proposta brasileira sobre a dívida externa.

"Tudo está interligado", reconheceu. "Para iniciarmos negociações formais com o Clube de Paris, precisamos da aprovação da carta de intenções com o FMI. E uma palavra do Fundo, favorável ou desfavorável ao conceito de capacidade de pagamento, pode fortalecer ou enfraquecer a nossa posição".

O presidente do BC entende que as versões publicadas na imprensa sobre a proposta do País, além disso, são imprecisas. Já se divulgou que o Brasil vai pagar apenas US\$ 700 milhões da dívida em 1991; ele também já leu outros números, inclusive US\$ 1,1 bilhão e outros.

"Na realidade", explicou, "o Governo vai pagar, como consequência da sua proposta de renegociação da dívida, US\$ 1,16 bilhão; quando se acrescenta os pagamentos da dívida privada, chega-se a US\$ 2,3 bilhões. Isso é o que o País pagará a mais no próximo ano, caso a nossa proposta seja aprovada. Pagamos US\$ 6,2 bilhões em 1989, considerando juros e amortizações, e pagaremos US\$ 8,5 bilhões em 1991 se aceitarem nossa oferta — US\$ 2,3 bilhões a mais, juntando todos os pagamentos".

Ele disse ainda que Allan Greenspan fez várias perguntas sobre a proposta que Dauster e Kandir levaram aos bancos: como funciona o bônus de 45 anos, que descontos o Brasil espera nos primeiros leilões de pagamento aos credores e como esse desconto tenderia a mudar com o tempo, se o Brasil aceita outros instrumentos.

Em relação ao último item, a resposta de Eris foi positiva. Indagado sobre sua estimativa do desconto da dívida nos leilões, porém, ele disse aos jornalistas que esse assunto é melhor deixar para depois.